

# 2013

As metáforas e a representação dos atores sociais no discurso parlamentar sobre pobreza extrema



## As metáforas e a representação dos atores sociais no discurso parlamentar sobre pobreza extrema

*(Este trabalho é de inteira responsabilidade de seu autor, não representando necessariamente a opinião da Câmara dos Deputados.)*

### 1 - Introdução

A pobreza extrema tem sido uma preocupação muito grande do atual Governo, que tem por objetivo reduzir expressivamente essa situação profunda de carências dos mais diversos tipos — alimentar, financeira, educacional — e, sobretudo, carência de dignidade humana. O Governo, através do programa Bolsa Família, afirma a sua intenção de erradicar essa triste condição social de significativa parcela da população brasileira.

Diante disso, os discursos Parlamentares na Câmara dos Deputados, estão em consonância com essa meta social de reduzir a pobreza extrema. Diversos discursos, dos mais variados partidos, versam sobre esse tema.

A pobreza extrema também tem sido muito estudada e debatida no meio acadêmico, especialmente na REDLAD — Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítica sobre a Pobreza Extrema. Durante o VII Colóquio da REDLAD, realizado nos dias 13 e 14 de setembro de 2012, na Universidade de Brasília, foram apresentados vários estudos e pesquisas sobre as representações discursivas das populações em situação de pobreza extrema e as políticas públicas relativas a essas condições sociais. Autores de renome da América Latina participaram: Colômbia, Argentina, Venezuela, Chile e Brasil. Debateram-se os temas correlatos à pobreza extrema, como os assentamentos



da reforma agrária, o consumo de drogas em escolas públicas, o recolhimento do lixo, as ruas como moradia, etc.

Nesse estudo, pretendemos analisar dois discursos parlamentares, com base em duas categorias analíticas: a representação de atores sociais e a metáfora. Essas categorias nos permitem avaliar a dinâmica estrutural e argumentativa dos discursos, contribuindo para a análise dos processos relativos à representação dos atores sociais em situação de pobreza extrema. Além disso, ao buscarmos as metáforas relativas à pobreza extrema, podemos chegar mais perto do modo como os atores políticos estão pensando em termos de melhorar a qualidade de vida dessa população desassistida.

Podemos pensar em metáforas como estratégias de construções simbólicas que transmitem a experiência de visões de mundo prototípicas, moldadas cultural e socialmente ao longo da história de uma comunidade. Esse tipo de recurso linguístico nos permite a apreensão de uma imagem profundamente condensada, em que diversos significados se entrelaçam e se mesclam, gerando uma unidade polissêmica, capaz de transmitir e reforçar visões de mundo e ideologias. A metáfora é uma construção capaz de atingir o leitor/ouvinte de uma forma muito eficaz e direta, sendo um dos elementos-chave no processo de persuasão dentro da estrutura argumentativa do discurso parlamentar.

Pretendemos também verificar como os atores sociais são representados nesses discursos. É relevante, para uma análise discursiva revelar se os atores sociais são representados, por exemplo, por



funcionalização ou por classificação, dentro da categoria mais ampla da identificação.

## **2 - Metodologia e Análise:**

Nossa análise será feita a partir de dois discursos parlamentares, que foram escolhidos aleatoriamente pelo sistema de busca de discursos no site da Câmara dos Deputados. Digitamos a expressão “pobreza extrema” na caixa de busca de discursos e, depois, clicamos na opção “plenário”. Buscamos dois discursos mais recentes. O primeiro discurso (discurso 1) é do Deputado Bohn Gass, do Partido dos Trabalhadores. O autor do segundo discurso (discurso 2) é o Deputado Ricardo Quirino, do PRB.

As metáforas estarão sublinhadas e a representação dos atores sociais será ressaltada com a utilização da fonte vermelha. Não vamos analisar todos os atores sociais, mas somente os atores sociais em situação de pobreza extrema. Procuramos também analisar as metáforas relativas às providências para reduzir a pobreza extrema.

### **DISCURSO 1**

#### **O SR. BOHN GASS (PT-RS.)**

*(Pronunciamento encaminhado pelo gabinete.)*

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, venho hoje a esta tribuna para concluir todos os **meus colegas** e as **minhas colegas** Parlamentares, independentemente de cor partidária, a **enviadarem esforços** no sentido de ajudarem a **Presidenta Dilma** a **enfrentar o desafio** a que ela se propôs nesta gestão à frente do Governo Federal: a erradicação da pobreza extrema em **nossa País**. Faço-o com o **coração aberto**, porque acredito que não haja neste Parlamento um **homem** ou uma **mujer** que não esteja de acordo com esse propósito. Acabar com a pobreza extrema é uma tarefa de **todos** e de cada um de **nós**, independentemente de apoiarmos politicamente este ou aquele governo.



E quero aqui mencionar um bom exemplo, que vem do meu Estado, meu querido Rio Grande do Sul, onde, amanhã, o **Governador Tarso Genro e a Ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello**, lançam o PEPE. Não, não estou falando aqui de nenhuma homenagem ao **companheiro Vice-Líder** da bancada do PT, Pepe Vargas, mas do Programa pela Erradicação da Pobreza Extrema no Rio Grande do Sul, que leva a sigla PEPE. A ideia geral é transferir renda através do Bolsa Família, ampliar o acesso a serviços públicos e gerar oportunidades e empregos. O **público-alvo** são as **famílias cadastradas** no Bolsa Família, as **mujeres chefes de família** e as **pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica**, entre elas os **povos indígenas**, os **quilombolas**, os **assentados** da reforma agrária, os **moradores de rua** e os **catadores**. No Rio Grande do Sul, as ações começarão pelas regiões onde o índice de desenvolvimento humano é mais baixo. Mas, neste momento, já estão em ação programas como o Mutirão Social e a atualização do cadastro das **famílias mais pobres**. Sim, a atualização do cadastro do Bolsa Família é fundamental para que não erremos o alvo.

**O Rio Grande está-se mexendo**, porque quer acabar com a pobreza extrema em seu território. E eu conclamo os **Parlamentares** a estimularem os governos de seus Estados a fazerem o mesmo, e logo, porque, afinal, como bem disse o saudoso Betinho, um dos maiores **lutadores sociais** deste País, "*quem tem fome, tem pressa*".

## DISCURSO 2

**O SR. RICARDO QUIRINO** (Bloco/PRB-DF. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, **grande representante do Maranhão**, Sras. e Srs. Deputados, **brasileiras e brasileiros que assistem à sessão pela TV Câmara e nos ouvem pela Rádio Câmara**, o motivo que me traz à tribuna nesta manhã é a declaração do Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada - IPEA, Sr. Márcio Pochmann, de que a extrema pobreza atinge aproximadamente um brasileiro em cada dez. Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, verificou-se que mais de 16 milhões de **brasileiros** encontram-se **em situação de extrema pobreza** em nosso País. Pode-se observar que é um número elevado, mesmo diante dos recentes resultados alcançados pelo Governo do **Presidente Luiz Inácio Lula da Silva**, que durante os seus 8 anos de mandato conseguiu a redução de 50,64% no índice, uma grande vitória, especialmente em comparação ao que conseguiu **seu antecessor**, ou seja, apenas 31,9%.

Há que se ressaltar: apesar da política social muito bem implementada pelo **Governo Luiz Inácio Lula da Silva**, que alcançou índices expressivos de redução da extrema pobreza, ainda há mais de 16 milhões de **brasileiros vivendo naquela condição**.

Isso mostra o compromisso de cada um de nós, **Parlamentares e Governo**. Não podemos jogar sobre os ombros do Governo ou da **Presidenta Dilma Rousseff** apenas a responsabilidade de assistir aos **mais necessitados, aos pobres**, até porque fazemos parte do Governo. Quando falo "nós", não me refiro à base do Governo, mas a todos nós Parlamentares. Estamos nesta Casa para representar o **povo brasileiro** na sua totalidade e **jamais podemos nos prender** - e vou falar mais sobre isso - a ideologias partidárias.

Se um **brasileiro está sofrendo**, se um **brasileiro está na pobreza**, se um **brasileiro está vivendo em extrema pobreza**, a responsabilidade nossa é a de **alcançá-lo com políticas de impacto** que possam dar-lhe pelo menos uma perspectiva de vida.



Isso nos faz pensar em quais seriam os resultados atuais, se continuássemos com a mesma linha de política social dos governos anteriores.

Só para ilustrar, Sr. Presidente e os que nos assistem pela TV Câmara, no mundo existem cerca de 1 bilhão e 200 milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza e 3 bilhões de pessoas em situação de pobreza, conforme dados da ONU - Organização das Nações Unidas.

Sr. Presidente, é sempre bom lembrar também que a erradicação da pobreza constitui um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, consagrada na nossa Constituição Federal. Sendo assim, como dissemos, é uma meta a ser alcançada por todo e qualquer governante que venha a assumir a Presidência da República.

Por isso é louvável a iniciativa da Presidenta Dilma Rousseff, de lançar em breve o Programa Brasil Sem Miséria, que terá como foco esses milhões de brasileiros que ainda vivem, ou melhor, tentam sobreviver nessa situação de vulnerabilidade.

Temos que ressaltar a atitude da nossa Presidenta, compromissada em dar continuidade de maneira mais ampla aos programas do Governo Lula, olhando para os mais necessitados. Quando a nossa Presidenta assume publicamente a responsabilidade de promover a redução da pobreza, temos que lhe dar as mãos. Um governo que não olha para os mais necessitados certamente não pode dizer que tem legitimidade.

Sras. e Srs. Deputados, brasileiras e brasileiros, todos nós devemos mostrar empenho no alcance da redução desses números, pois a condição social do povo brasileiro está muito acima de siglas partidárias, pois brasileiro pobre que é de esquerda ou brasileiro pobre que é de direita, que vota ou não, é brasileiro pobre do mesmo jeito.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, no seu art. 23, inciso III, reza que "todo homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como a sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social".

Chego à conclusão de que não podemos aceitar com naturalidade que seres humanos estejam ao nosso lado e vivam nessa situação humilhante de extrema pobreza, muitos sem renda, outros com renda *per capita* familiar girando em torno de 70 reais - é muito pouco - ou seja, sem nenhuma condição digna de vida. E por que trouxe esse tema, sobre extrema pobreza, para a tribuna nesta manhã? Parece-me que alguns empresários, especialmente os do setor de transporte rodoviário do Distrito Federal, vivem em outro país. Estão querendo - em respeito, é claro, aos direitos dos rodoviários a melhor salário, a vale-refeição; e não é isso o que nós queremos questionar - aumentar a tarifa de ônibus em 55%. Isso é um absurdo, porque quem paga essa conta é o mais necessitado, é o cidadão pobre. Ontem eu estava acompanhando, no Jornal de Brasília, entrevista a uma moradora do Varjão que está nessa situação de extrema pobreza, com renda mensal de 70 reais. Ela não trabalha, ela não têm a assistência das autoridades ainda e tem dois filhos. Então, como essa senhora vai se deslocar? Como uma pessoa com essa renda pode pagar 3 reais ou 4 reais e 65 centavos pela passagem de ônibus?

Sr. Presidente, eu acho que os donos da TAM, da Gol, da Webjet e da Azul deveriam pensar em criar, junto com outros empresários, um aeroporto lá na Rodoviária do Plano Piloto. Quem sabe poderemos pegar um avião para ir a Taguatinga, ao Núcleo Bandeirante, ao Cruzeiro, ao Sudoeste, ao Varjão? Vai ser mais vantajoso pegar um avião na rodoviária do Plano Piloto do que andar de ônibus. Pelo menos a pessoa tem mais conforto. O avião é bem mais confortável, vamos



chegar mais rapidamente, numa viagem de 20 minutos. Acho que essa deve ser a solução.

Empresários amigos, se aqui no Distrito Federal vocês trabalhassem para aumentar a qualidade do transporte ou dos ônibus em 55,8%, já haveria um grande impacto.

Clamo ao Governo do Distrito Federal e à sua equipe, aos Srs. Secretários, que intervenham, como estão intervindo, para que a **população mais carente** não venha a pagar o preço. A qualidade do transporte público do Distrito Federal não é boa. Esse transporte atinge as **camadas mais necessitadas**, e a sua qualidade será sempre prejudicada.

Ontem, num posto de gasolina entre as Quadras 212 e 213 Sul, eu vi uma manifestação: pessoas cercaram o posto de gasolina, num clamor contra o cartel que domina o setor de combustíveis no Distrito Federal.

Então, há o cartel e a passagem de ônibus a esse preço. A população não aguenta, especialmente **os mais necessitados**. Quem se desloca da Ceilândia, do Varjão, do Setor O, do Condomínio Sol Nascente, de Samambaia Norte, com todo o respeito à população dessas cidades que tanto amo, precisa enfrentar o trânsito do Distrito Federal. Nesta Casa há muitos servidores que passam por isso para chegar ao Plano Piloto e não podem se dar ao luxo de pagar a passagem de 4 reais e 65 centavos.

Era o que eu queria deixar registrado, Sr. Presidente.  
Muito obrigado.

Vamos observar agora a representação dos atores sociais em situação de pobreza extrema nos discursos:

Tabela 1 - Representação dos Atores Sociais em situação de pobreza extrema

Discurso 1	Discurso 2
<b>Famílias cadastradas no Bolsa Família</b>	<b>Brasileiros que se encontram em situação de extrema pobreza</b>
Assimilação. Categorização por funcionalização.	Assimilação. Categorização por identificação do tipo classificação.
<b>Mulheres chefes de família</b>	<b>brasileiros vivendo naquela condição.</b>
Assimilação. Categorização por funcionalização generalizada.	Categorização por identificação do tipo classificação.
<b>pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica</b>	<b>Mais necessitados</b>
Assimilação.	Assimilação. Categorização por identificação do tipo classificação.
<b>Povos indígenas</b>	<b>Pobres</b>



Assimilação. Categorização por identificação do tipo classificação.	Assimilação. Categorização por identificação do tipo classificação.
<b>Quilombolas</b>	Se um brasileiro está sofrendo
Assimilação. Categorização por identificação do tipo classificação.	Individualização. Categorização por identificação do tipo classificação.
<b>Assentados da reforma agrária</b>	se um brasileiro está na pobreza,
Categorização por identificação do tipo classificação.	Individualização. Categorização por identificação do tipo classificação.
<b>Moradores de rua</b>	Se um brasileiro está vivendo em extrema pobreza.
Assimilação. Categorização por identificação do tipo classificação)	Individualização. Categorização por identificação do tipo classificação.
<b>Catadores</b>	Pessoas vivendo em extrema pobreza
Assimilação (categorização por identificação do tipo classificação)	Assimilação (categorização por identificação do tipo classificação)

Em ambos os discursos, os atores sociais em situação de pobreza extrema são representados por assimilação, como grupos, e não de forma individualizada. No discurso 2, podemos constatar que é pequeno o número de representação por individualização, ocorrendo com o adjetivo pátrio “brasileiro”, o que pode indicar uma mudança discursiva no sentido de garantir o lugar social e político da pessoa em situação de pobreza extrema, individualizando-a, ampliando a ideia de pertencimento

Van Leeuwen assevera:

Atores sociais podem ser referidos como indivíduos, em cujo caso devo falar de *individualização*, ou como grupos, em cujo caso devo falar de *assimilação*. Dado o grande valor colocado na individualidade em muitas esferas da nossa sociedade (e o valor colocado na conformidade em outras esferas sociais), essas categorias são de significância primária na análise crítica do discurso. (van Leeuwen, 2006, p. 37)



No primeiro discurso, chamou-nos a atenção a prevalência da categorização por identificação do tipo classificação como forma de representar as pessoas em estado de extrema pobreza: povos indígenas, quilombolas, moradores de rua, catadores, assentados da reforma agrária. Van Leeuwen afirma o seguinte:

No caso da classificação, atores sociais são referidos em termos de categorias mais abrangentes pelas quais uma dada sociedade ou instituição faz a diferenciação entre classes de pessoas. No Ocidente, isso inclui idade, gênero, proveniência, classe, riqueza, raça, etnia, religião, orientação sexual e assim por diante. Mas as categorias classificatórias são cultural e historicamente variáveis. (van Leeuwen, 2006, p. 42)

Também, no discurso 1, há representação por identificação do tipo funcionalização (mulher chefe de família e assentados da reforma agrária). É pertinente observar que a formação titular “mulher chefe de família” é socialmente recente e evoca a mudança do papel feminino nos lares brasileiros. A cada dia que passa, a mulher assume o lugar de provedora do lar e, portanto, chefe. Assim, vemos que uma mudança social tem relação com a mudança discursiva. De acordo com van Leeuwen, a identidade é socialmente moldada e é histórica e culturalmente variável. Todo papel social está ligado a uma identidade.

Já no discurso 2, a representação dos atores sociais em situação de extrema pobreza classifica-os por sua nacionalidade. Trata-se de uma categorização que realiza a identificação pela classificação nacional. Isso realiza a ideologia de pertencimento, incluindo os despossuídos na sociedade brasileira.



### 3 As metáforas

As metáforas do primeiro discurso referem-se principalmente à comparação entre a pobreza e um inimigo que tem que ser enfrentado e derrotado em uma batalha. No discurso 1, temos: “envidar esforços”, “enfrentar desafios”, público-alvo. Também é plausível ver a metáfora de guerra na seguinte oração do discurso 1: “Sim, a atualização do cadastro do Bolsa Família é fundamental para que não erremos o alvo”.

No discurso 2, temos também algumas metáforas de guerra, como: “uma grande vitória”, a pobreza como “alvo a ser alcançado”: “(...) a responsabilidade nossa é a de alcançá-lo com políticas de impacto (...)", “a erradicação da pobreza (...) é uma meta a ser alcançada”.

As metáforas de guerra, como todas as metáforas, sinalizam uma forma de constituição do pensamento humano. As metáforas indicam como o ser humano se posiciona experencialmente no mundo, por meio da linguagem. É uma visão de mundo que pode ser transferida e reeditada para várias situações sociais, inclusive nos discursos. Nós convivemos diariamente, nos discursos, com metáforas com o argumento guerra, como mostram os exemplos de Lakoff, traduzidos por esta autora: “Suas justificativas são *indefensáveis*; Ele atacou cada ponto fraco do meu argumento; Suas críticas foram *direto ao alvo*.

Segundo Lakoff, as metáforas formam o sistema conceitual humano – e isso não é pouco. Lakoff afirma o seguinte:

A metáfora está sempre presente na vida diária, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação. Nosso



sistema conceitual ordinário, em termos dos quais tanto pensamos quanto agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (...) Nossos conceitos estruturam o que nós percebemos, como atuamos no mundo e como nos relacionamos com os outros. O nosso sistema conceitual, assim, desempenha um papel central em definir nossas realidades diárias. (LAKOFF G. e Johnson, M., 2003, p. 13. Tradução nossa.)

Portanto, não se trata apenas de uma questão de linguagem, no modo escrito ou no modo falado, mas trata-se de como o argumento metafórico (guerra, por exemplo) estrutura a maneira como atuamos ao discutirmos, ao negociarmos políticas.

#### **4 - Considerações Finais**

A representação dos atores sociais é muito relevante na análise dos discursos, porque traduz a identidade dos papéis sociais. Pela representação dos atores sociais, podemos perceber a dinâmica das identidades sociais em determinada comunidade, de acordo com a sua história

Podemos ver que as representações dos atores sociais mudam discursivamente ao longo da história de uma comunidade, porque as identidades e os papéis são dinâmicos e podem ser considerados “sobredeterminados”, no sentido de que, para um mesmo ator social está representado como participando, ao mesmo tempo, de várias práticas sociais. Podemos ver esse fenômeno na expressão “mulher chefe de família”, uma vez que “mulher” é um papel específico em nossa sociedade, com toda a carga emocional (mãe), de parceria (esposa), de fragilidade — e “chefe de família”



também se configura como um papel social, muito comumente associado ao gênero masculino. Podemos observar que, nessa representação “mulher chefe de família”, o mesmo ator social participa de duas práticas sociais. Dessa forma, há uma fusão entre a “fragilidade” feminina e a “força” do chefe, característica culturalmente moldada como sendo masculina. E podemos constatar que, nas práticas sociais familiares, essa fusão entre a força/fraqueza está sendo cada vez mais comum, devido à necessidade do aumento da renda familiar.

É relevante observar que, discursivamente, há uma tentativa de se ampliar o protagonismo dos cidadãos brasileiros que, de certa forma, foram marginalizados: pessoas que vivem em situação de rua; quilombolas; pessoas que vivem nos assentamentos; mulheres, etc. Podemos observar que, tanto discursivamente, quanto em termos de práticas sociais, há movimentos políticos no sentido de trazer os cidadãos brasileiros em situação de pobreza extrema para o seio da sociedade, da pátria, da nação. Isso é muito relevante, porque já foi dito certa vez que a paz social só é alcançada com a justiça social. E justiça social também significa a redução da desigualdade entre as classes sociais.

Em relação às metáforas, resta-nos perguntar se é socialmente proveitoso considerar a pobreza o inimigo do Brasil, aquele que deve ser erradicado, combatido. Talvez essa metáfora possa tirar de foco a necessidade que toda sociedade tem de encontrar as responsabilidades em questões de injustiça social, encontrar as verdadeiras causas e, se possível, implementar



políticas públicas que trabalhem em direção às causas, e não que atuem apenas para “curar os sintomas”, para usar uma metáfora médica<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Análise realizada por Maria Lílian de Medeiros Yared.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos disponíveis em <[https://camaranet.camara.gov.br/busca\\_camaranet/](https://camaranet.camara.gov.br/busca_camaranet/)>. Acesso em 26.10.2012.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and Practice**. New Tools for Critical Discourse Analysis. Oxford: Oxford University Press, 2008.

*Banco de Discursos da Taquigrafia*

[www.camara.leg.br/bancodediscursos](http://www.camara.leg.br/bancodediscursos)

[analisedediscozo@camara.leg.br](mailto:analisedediscozo@camara.leg.br)

*Coordenação de Histórico de Debates, Anexo II, subsolo, Câmara dos Deputados*

*Brasil - Brasília-DF*



Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

